



VIII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG
VI Salão de Extensão

<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>

ISSN 2318-8014



MATERNIDADE E EMPODERAMENTO FEMININO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Larissa Bernardino dos Santos^a, Tatiele Jacques Bossi^{b*}

a) Curso de Psicologia, FSG Centro Universitário

b) Núcleo de Infância e Família (NUDIF), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

*Tatiele Jacques Bossi,
endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Porto Alegre - RS –
CEP: 90035-003.

Palavras-chave:

Transição para a maternidade.
Parentalidade. Empoderamento
feminino.

INTRODUÇÃO/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Os lugares socialmente destinados às mulheres nos séculos passados, bem como os ideais de feminilidade eram o de uma esposa dedicada ao marido, às atividades domésticas e a maternidade. A partir do movimento feminista, esse cenário obteve mudanças, questionando a existência de um instinto maternal e possibilitando às mulheres uma independência desse papel (REHBEIN; CHATELARD, 2019). No entanto, a literatura sobre transição para a maternidade ainda tem mostrado uma leitura muito mais dirigida no sentido de entender o fenômeno de se tornar mãe e de gestar por uma perspectiva muito mais teórica, em termos de ver o que as teorias clássicas da psicologia ressaltam, sem considerar o empoderamento feminino (ANDRADE et. al, 2017; BORSA; DIAS, 2006; MOZZAQUATRO; ARPINI, 2015). Com isso, o objetivo do presente estudo é analisar o quanto a produção científica tem considerado o empoderamento feminino na transição para a maternidade, a partir de uma revisão sistemática da literatura. Mais especificamente, busca-se compreender como a figura da mulher no contexto de tornar-se mãe é observada. **MATERIAL E MÉTODOS:** O estudo trata-se de uma revisão sistemática da literatura. Para isso, foram considerados artigos empíricos dos últimos 10 anos (2009-2019) acessados nas bases de dados Scielo, Pepsic e Ebsco, com os descritores: “transição para a maternidade” e “transição para a parentalidade”, escritos em língua portuguesa. Ao todo foram encontrados 51 artigos, sendo 36 na base de dados Scielo, 15 na Ebsco e zero na Pepsic. Foram excluídos estudos que ressaltaram alguma condição clínica da mãe ou bebê ou que relatasse um contexto específico, de modo que a maternidade estivesse permeada por esses aspectos (como a mãe ser soropositiva, a condição de prematuridade do bebê ou casos de adoção, por exemplo), totalizando

10 estudos a análise final. Este material foi analisado qualitativamente, considerando as características das amostras, os aspectos metodológicos, e os discursos sobre a mulher e a maternidade presentes nos estudos. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Aspectos que envolvem o processo de tornar-se pai e mãe englobando a maternidade, conjugalidade, parentalidade, coparentalidade, retorno ao trabalho e aleitamento materno, são explorados nos estudos. A literatura tradicional mostra o quanto a mulher é exigida no seu papel de mãe, o que também foi constatado nos estudos analisados neste artigo (ANDRADE et. al, 2017; BORSA; DIAS, 2006; MOZZAQUATRO; ARPINI, 2015). Alguns estudos demonstram o entendimento de que o cuidado familiar deve ser dividido entre homens e mulheres e ressaltam que bons níveis de satisfação conjugal anteriores ao nascimento dos filhos, tendem a serem reforçados com a parentalidade (FIDELIS et. al, 2017; MURTA et. al, 2011). No entanto, a maioria dos estudos analisados, destacam a mulher como a principal cuidadora dos filhos e como a que teria maior competência para essa atividade atribuída como natural dela. Isso fica evidenciado no estudo de Lasio, Putzu e Serri (2018), que revela as disparidades de gênero no trabalho familiar, em que as mulheres assumem mais responsabilidades por supostamente, terem uma predisposição feminina para cuidar, enquanto os homens atuam como auxiliares. Este protagonismo da mulher nos cuidados maternos mantém sua identidade tradicionalmente construída. Com a consolidação das diferenciações de papéis, sendo a mãe encarregada dos cuidados familiares, a mulher deixou de ser vista enquanto “ser mulher” e adquiriu o status soberano de mãe (GRADVOHL, 2014; SCAVONE, 2001). Avanços nesse sentido tem sido feito pelas teorias feministas desde meados da década de 70 (BRASIL, 2018; SZAPIRO, 2008; TOMAZ, 2015). Isso permite pensar que após a maternidade, enxergar a mulher para além do ser mãe é muito difícil para sociedade, mesmo no século XXI. Além disso, muito precisa se avançar em termos de adequar a teoria com o que se percebe no dia a dia das mulheres modernas. **CONCLUSÃO:** A partir desta revisão, fica evidenciada a importância de se pensar e ampliar o entendimento frente as temáticas relacionadas à parentalidade como um todo. A conscientização social e a ampliação de apoio às mulheres por parte de políticas públicas, podem ser grandes aliadas para desconstrução da ideia de que a mulher nasce destinada a procriar. O psicólogo, nesse âmbito, além de trabalhar as angústias das mulheres que abarcam a jornada da maternidade, pode pensar também em estender o acolhimento aos casais, a fim de que se construa uma relação em que as atividades domésticas e cuidados com os filhos, não se limite ao gênero.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. J.; BACCELLI, M. S.; BENINCASA, M. O vínculo mãe-bebê no período de puerpério: uma análise winnicottiana. **Vínculo**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1-13, 2017.
- BORSA, J. B.; DIAS, A.C.G. Considerações acerca da relação mãe – bebê da gestação ao puerpério. **Revista Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinariedade**, Porto Alegre, v. 2, p. 310-321, 2007.
- BRASIL, M. V.; COSTA, A. B. Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis? **Psicol. Clin.**, Rio de Janeiro, v.30 n.3, p. 427-446, 2018.
- FIDELIS, D. Q.; FALCKE, D.; MOSMANN, C. P. Conjugalidade e coparentalidade tardia. **Cien. Psicol.**, Montevideo, v. 11, n. 2, p. 189-199, 2017.
- GRADVOHL, S. M. O.; OSIS, M. J. D.; MAKUCH, M. Y. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pens. Famí.** Porto Alegre v.18, n. 1, p. 55-62, 2014.
- LASIO, D.; PUTZU, D.; SERRI, F. (2018). Transição para a parentalidade, trabalho familiar e saúde das mulheres. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 19, n. 1, p. 94-100, 2018.
- MOZZAQUATRO, C.D.O.; ARPINI, D. M. Relação mãe-bebê e promoção de saúde no desenvolvimento infantil. **Psicol. Rev (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 334-351, 2015.
- MURTA, S. G.; RODRIGUES, A. C.; ROSA, I. O., PAULO, S. G.; FURTADO, K. Avaliação de necessidades para a implementação de um programa de transição para a parentalidade. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 337-346, 2011.
- REHBEIN, M. P.; CHATELARD, D. S. Questões Críticas do Estatuto da Feminilidade na Contemporaneidade e suas Repercussões. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 35, e35411, 2019.
- SCAVONE, L. Maternidade: Transformações na família e nas relações de gênero. **Interface (Botucatu)**, v. 5, n. 8, p. 47-60, 2001.
- SZAPIRO, A. M.; CARNEIRO, T. F. Construções do feminino pós anos sessenta: O caso da maternidade como produção independente. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 15, n.1, p. 179-188, 2002.
- TOMAZ, R. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, n. 29, p. 155-166, 2015.